

## **Condições de saúde de docentes universitários vinculados a uma instituição federal de ensino superior no interior do nordeste do Brasil**

**Health conditions of university professors linked to a federal institution of higher education in the interior of northeastern of Brazil**

**Condiciones de salud de profesores universitarios vinculados a una institución federal de enseñanza superior del interior del noreste de Brasil**

Recebido: 19/07/2022 | Revisado: 27/07/2022 | Aceito: 28/07/2022 | Publicado: 07/08/2022

### **Renata Jardim**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2760-3664>  
Universidade Federal de Sergipe, Brasil  
E-mail: [renatajardim.m@gmail.com](mailto:renatajardim.m@gmail.com)

### **Manoel Gomes de Oliveira Junior**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8003-876X>  
Universidade Federal de Sergipe  
E-mail: [manoelgomesto@outlook.com](mailto:manoelgomesto@outlook.com)

### **Marcia Schott**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9825-883X>  
Universidade Federal de Sergipe, Brasil  
E-mail: [marciaschott@hotmail.com](mailto:marciaschott@hotmail.com)

### **Alan Santos Reis**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0435-5867>  
Universidade Federal de Sergipe  
E-mail: [alan\\_santosreis@hotmail.com](mailto:alan_santosreis@hotmail.com)

### **Luiz Eduardo Oliveira Matos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7470-273X>  
Universidade Federal de Sergipe, Brasil.  
E-mail: [eduardooliveiramattos@gmail.com](mailto:eduardooliveiramattos@gmail.com)

### **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo investigar as condições de saúde docente em uma Instituição de Ensino Superior Federal no interior do nordeste brasileiro. Trata-se de um estudo transversal descritivo, realizado com 39 docentes da Universidade Federal de Sergipe. Dos 39 entrevistados, a maioria era do sexo feminino, casada, branca e com doutorado. Constatou-se que 74% (n=29) dos profissionais declararam insatisfeitos/muito insatisfeitos com as atividades desenvolvidas no trabalho e 31% (n=12) referiram alguma morbidade. Dentre as morbidades referidas, houve uma maior prevalência de doenças relacionadas à saúde mental (50%; n=6). Os dados obtidos mostram elevada prevalência de insatisfação com as atividades desenvolvidas na docência, bem como agravos na saúde mental, apesar da motivação e qualidade de vida no trabalho relativamente alta.

**Palavras-chave:** Condições de trabalho; Universidade; Professores de Ensino Superior; Ensino; Nível de saúde.

### **Abstract**

The present work aims to investigate the health conditions of professors from a federal institution of higher education in the interior of northeastern of Brazil. This is a descriptive cross-sectional study, carried out with 39 professors from the Federal University of Sergipe. Of the 39 interviewees, the majority were female, married, white and with a doctorate. It was found that 74% (n=29) of the professionals declared dissatisfied / very dissatisfied with the activities developed at work and 31% (n=12) reported some morbidity. Among the referred morbidities, there was a higher prevalence of diseases related to mental health (50%; n=6). The data obtained show a high prevalence of dissatisfaction with the activities developed in teaching, as well as worsening mental health, despite the relatively high motivation and quality of life at work.

**Keywords:** Working conditions; Universities; Faculty; Teaching; Health status.

## Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo investigar las condiciones de salud de los docentes de una Institución federal de enseñanza superior del interior del noreste de Brasil. Se trata de un estudio descriptivo transversal realizado con 39 profesores de la Universidad Federal de Sergipe. De los 39 encuestados, la mayoría eran mujeres, casadas, blancas y con un doctorado. Se constató que 74% (n=29) de los profesionales se declararon insatisfechos/muy insatisfechos con las actividades realizadas en el trabajo y 31% (n=12) relataron alguna morbilidad. Entre las morbilidades referidas, hubo mayor prevalencia de enfermedades relacionadas con la salud mental (50%; n=6). Los datos obtenidos muestran una alta prevalencia de insatisfacción con las actividades desarrolladas en la docencia, así como problemas de salud mental, a pesar de la relativamente alta motivación y calidad de vida en el trabajo.

**Palabras clave:** Condiciones de trabajo; Universidades; Enseñanza; Docentes; Estado de salud.

## 1. Introdução

O trabalho docente nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), por vezes, exige além das tradicionais atividades de ensino, pesquisa e extensão, funções do âmbito administrativo. Cada uma dessas atribuições é composta por demandas e atividades altamente complexas, que exigem atualização constante do profissional. Nessa perspectiva, entende-se que os parâmetros estabelecidos pela sociedade capitalista direcionados aos educadores são os mesmos utilizados nos processos de produção: metas quantitativas, ascensão na carreira atrelada à produtividade, assim como a avaliação de resultados como forma de reconhecimento social e acadêmico, e de remuneração (Forattini & Lucena, 2015).

É através das ocupações cotidianas, e entre elas o trabalho e tudo aquilo que o envolve, que se organiza o mundo que vivemos, dá-se ritmo à vida e constrói-se nossa existência (Hesselkus, 2018). No cotidiano da docência do ensino superior, o medo da incompetência pode estar presente. Dejours (2006) indica que o trabalhador não consegue perceber se essas falhas são frutos de sua incompetência ou das particularidades do sistema educacional. Essa perplexidade é causa de angústia e sofrimento, que tomam a forma de não estar à altura ou de se mostrar incapaz de enfrentar situações incomuns ou incertas que exigem responsabilidade, principalmente, resultante da fragmentação do trabalho e da complexidade das suas demandas, ampliando as responsabilidades e exigências do trabalho, indo além, inclusive, das competências pedagógicas, perpassando suas habilidades sociais e emocionais.

Nesse prisma das exigências do trabalho docente, essas se espalham nas mais diversas dimensões da vida do sujeito, como o espaço doméstico, o tempo do descanso e do lazer, e inclusive no tempo que deveria ser utilizado ao cuidado com a própria saúde. Essa exaustão muitas vezes é naturalizada dentro e fora das universidades e demais instituições de ensino superior (Vasconcelos & Lima, 2020).

Penteado e Souza Neto (2019) relatam o crescimento do interesse, da importância e do *status* de cientificidade atribuídos à problemática do mal-estar, sofrimentos e adoecimentos de professores, tanto no campo da educação quanto da saúde coletiva, apontando para a necessidade de abordagens interdisciplinares – considerando que as formas que os docentes lidam com seu processo saúde-doença-cuidado sofrem os efeitos dessensibilizantes e esterilizantes de uma cultura arraigada à concepção de ensino como vocação e pautada em uma visão dualista e maniqueísta relacionada ao corpo.

É reconhecido que o trabalho em geral constitui uma causalidade relevante para diversos adoecimentos e agravos. Queimaduras, náusea e doenças neurológicas podem ter como causa a ocupação de trabalho, como é o caso de madeireiros e trabalhadores industriais. Trabalhadores da construção civil e motoristas de transportes coletivos podem sofrer diversos acidentes como fraturas e traumatismos. Profissionais da saúde podem ser expostos à uma série de doenças contagiosas, como hepatite e tuberculose (Brasil, 2018). Na educação, em específico, o trabalho docente pode ser causador de problemas na voz, distúrbios osteomusculares (DORT) e principalmente problemas relacionados a saúde mental, como os problemas mentais comuns (PMC) (Batista & Matos, 2016, Ferreira, 2019).

Nesse contexto de relevância social do trabalho docente, de sucateamento da valorização da educação no país e da influência do trabalho no perfil de saúde e doença dos docentes universitários, o presente estudo pretende investigar o perfil e as condições de saúde vivenciadas por docentes de um campus da Universidade Federal de Sergipe, no interior do Nordeste.

## 2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa transversal, com abordagem observacional, descritiva e quantitativa, uma vez que o presente estudo foi realizado em um período de tempo definido, sem interferência nos desfechos investigados, envolvendo tanto o registro e descrição de características frente aos fenômenos investigados quanto o emprego de técnicas de análise de dados como as medidas de tendência (Barreto & Filho, 2011, Romanowski et al., 2019).

Os sujeitos deste estudo foram docentes de uma IFES que disponibiliza oito cursos de graduação nas áreas de ciências de saúde, como enfermagem, farmácia, fisioterapia, fonoaudiologia, medicina, nutrição, odontologia e terapia ocupacional, localizada no interior do estado de Sergipe, nordeste do Brasil. A coleta de dados foi realizada entre janeiro de 2018 a dezembro de 2019 nas dependências da IFES, inicialmente sendo distribuídos questionários em todos os nove Departamentos do Campus, convidando os docentes a participarem da pesquisa. Também foram encaminhados questionários via endereço eletrônico dos docentes, assim como realizando convites em reuniões dos departamentos e colegiados para apresentação da proposta de pesquisa e solicitação da colaboração dos presentes. Destaca-se que se realizaram dois períodos de coleta para aumentar a representatividade amostral: a) a primeira ocorreu nos meses de janeiro a junho de 2018, e resultou numa taxa de resposta de 11% (n=25); b) a segunda etapa aconteceu nos meses de agosto de 2019 a fevereiro de 2020, totalizando uma amostra correspondente a 18% (n=14) do universo (n=39). Acreditamos que a extensão do questionário e o tempo necessário para resposta, dentre outros motivos, tenha influenciado na frequência de não participação dos docentes.

No ano letivo de 2018, o Campus possuía 210 docentes, sendo 86% (n=181) permanentes e 14% (n=29) visitantes, substitutos ou temporários (Portal UFS, 2019). Segundo a *homepage* de cada Departamento no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), no ano letivo de 2019, o Campus era composto também por 210 docentes, sendo 85% (n=181) permanentes e 15% (n=30) docentes substitutos, voluntários ou temporários (Tabela 1).

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi composto de 35 questões, dispostas em 3 eixos de investigação: (1) Perfil docente: departamento de atuação, função(ões) desempenhada(s) e data de ingresso na instituição; (2) Dados gerais do participante: sexo, identidade de gênero, orientação sexual, data de nascimento, estado civil, auto declaração de cor/raça segundo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), vínculo empregatício atual, carga horária semanal, sentimento em relação à atividade desempenhada no trabalho, satisfação com a qualidade de vida no trabalho, motivação para trabalhar, maior titulação acadêmica, (3) Perfil de saúde: autoavaliação da saúde, morbidade referida, saúde vocal e Inventário de Depressão de Beck (Gorenstein & Andrade, 1998). O instrumento foi construído pelos pesquisadores, sendo validado pelo Método DELPHI (Linstone & Turoff, 2002).

**Tabela 1.** Distribuição universal de docentes vinculados à graduação na área de ciências de saúde em uma Instituição de Ensino Superior, Brasil (2018-2019).

Departamentos	Distribuição universal de docentes									
	2018					2019				
	Permanentes		Substitutos		Total	Permanentes		Substitutos		Total
	n	%	n	%	n	n	%	n	%	n
<b>Educação em Saúde</b>	40	22	7	24	47	40	22	4	13	44
<b>Enfermagem</b>	16	10	3	11	19	15	8	5	17	20
<b>Farmácia</b>	14	8	3	11	17	14	8	2	7	16
<b>Fisioterapia</b>	15	8	6	21	21	16	9	5	17	21
<b>Fonoaudiologia</b>	15	8	1	3	16	14	8	2	7	15
<b>Medicina</b>	40	22	2	7	42	39	22	4	13	43
<b>Nutrição</b>	13	7	5	17	18	13	7	4	13	17
<b>Odontologia</b>	15	8	1	3	16	16	9	1	3	17
<b>Terapia Ocupacional</b>	13	7	1	3	14	13	7	3	10	16
<b>Total</b>	181	100	29	100	210	180	100	30	100	210

Fonte: Anuário Estatístico da UFS: 2016 – 2018; UFS em números, edição especial 2019; Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas da Universidade Federal de Sergipe.

Os dados quantitativos foram processados por meio dos softwares Excel (Microsoft®) e Stata versão 12, de forma descritiva. Durante a análise dos dados, os questionários foram codificados alfanumericamente. Utilizou-se para o Inventário de Depressão de Beck (BDI), os seguintes pontos de corte para mensurar a intensidade dos sintomas depressivos: 0 a 11 = depressão mínima, de 12 a 19 = depressão leve, de 20 a 35 = depressão moderada e de 36 a 63 = depressão grave (Cunha, 2001). Para a saúde vocal, duas questões sobre distúrbios de voz foram incluídas na seção 3 do questionário destinada à situação geral de saúde: *Nas duas últimas semanas, você tem sentido cansaço para falar?* (não/de vez em quando/diariamente) e *nas duas últimas semanas, você percebeu piora na qualidade de sua voz?* (não/de vez em quando/diariamente). Ambas as respostas foram consideradas para se obter a variável resposta: os trabalhadores que responderam “não” às duas questões foram classificados no grupo “Sem Disfonia”. Os trabalhadores que responderam positivamente a uma das questões (de vez em quando ou diariamente) foram classificados no grupo “Com Disfonia”.

Todos os docentes que participaram deste estudo que aceitaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foram incluídos na investigação. Não foram adotados critérios de exclusão. O presente estudo é vinculado ao projeto “Política de Educação Permanente em Saúde: Recursos Humanos e Articulação Ensino-Serviço no Cenário das Redes de Atenção à Saúde no Estado de Sergipe”, realizado pelo Núcleo Transdisciplinar de Estudos em Saúde Coletiva (NUTESC) da Universidade Federal de Sergipe, Campus Lagarto, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa, conforme Parecer Consubstanciado nº 949.513. Respeitou-se as exigências das diretrizes e normas regulamentadoras da resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde.

### 3. Resultados

#### Distribuição dos docentes

Do total de docentes (n=210), 18% (n=39) participaram da pesquisa entre os anos 2018 e 2019. Houve participantes de todos os departamentos do Campus, sendo a maior representatividade dos departamentos de Educação em Saúde e Terapia Ocupacional, ambos com 21% do tamanho amostral (Tabela 2).

**Tabela 2.** Distribuição universal e amostral de docentes de um campus de oito cursos de saúde da Universidade Federal de Sergipe (2018-2019).

Departamentos	Ano letivo de 2018			Ano letivo de 2019		
	N	n	%*	N	n	%*
<b>Educação em Saúde</b>	47	7	28	44	1	7
<b>Enfermagem</b>	19	4	16	20	0	0
<b>Farmácia</b>	17	3	12	16	1	7
<b>Fisioterapia</b>	21	2	8	21	2	14
<b>Fonoaudiologia</b>	16	0	0	15	1	7
<b>Medicina</b>	42	3	12	43	0	0
<b>Nutrição</b>	18	2	8	17	1	7
<b>Odontologia</b>	16	4	16	17	0	0
<b>Terapia Ocupacional</b>	14	0	0	16	8	58
<b>Total</b>	210	25	100	210	14	100

\*frequência relativa referente a distribuição amostral de docentes. Fonte: Elaboração dos autores.

A maior parte dos docentes participantes era do sexo feminino (82%; n=32) e gênero feminino (82%; n=32), com média de idade de 36 anos (mínima 26 e máxima 56 anos), brancos (59%; n=23) e casados (56%; n=22). Quanto à formação acadêmica, 74% (n=28) tinham doutorado (Tabela 3). Quanto às atribuições desempenhadas, os participantes declararam exercer apenas a docência (72%; n=28) apenas docência e coordenação de módulos (13%; n=5); 15% relataram outras funções, como chefia de departamento, coordenação do curso e de estágio. A média do tempo de exercício na função foi de 44 meses.

**Tabela 3.** Perfil sociodemográfico de docentes de um campus de oito cursos de saúde da Universidade Federal de Sergipe, Brasil (2018-2019).

Variáveis sociodemográficas	n	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	32	82
Masculino	7	18
<b>Cor da pele/etnia</b>		
Branca	23	59
Parda	14	36
Amarela/oriental	2	5
<b>Estado civil</b>		
Casado	22	56
Solteiro	7	18
União estável	7	18
Divorciado	3	8
<b>Continuação da tabela 3</b>		
<b>Formação acadêmica</b>		
Doutorado	28	72
Mestrado	4	10
Especialização	3	8
Graduação	2	5
Outra	2	5

Fonte: Elaboração dos autores.

### Perfil ocupacional e de saúde dos docentes

Dentre os participantes, 33% (n=13) classificaram sua saúde negativamente (regular/ruim/muito ruim). Quanto ao perfil de morbidades/comorbidades referidas, 31% (n=12) afirmaram ter alguma morbidade referida, onde 50% (n=6) referiram problemas mentais comuns como depressão, ansiedade e estresse, 25% (n=3) hipertensão arterial. Quanto à análise da saúde vocal, 46% (n=18) possuíam disfonia. Observaram-se também sinais e sintomas clínicos de depressão em 27% (n=10) dos entrevistados, de acordo com a análise fornecida pelo Inventário Beck de Depressão.

Frente às atividades desempenhadas no trabalho, 74% (n=29) dos participantes se declararam insatisfeitos/muito insatisfeitos. A motivação para trabalhar foi considerada muito baixa/baixa por apenas 10% (n=4) dos docentes. Quanto à qualidade de vida no trabalho, 38 docentes se manifestaram sendo que 21% (n=8) estavam insatisfeitos/muito insatisfeitos.

**Tabela 4.** Aspectos ocupacionais e da saúde de docentes de um campus de oito cursos de saúde da Universidade Federal de Sergipe, Brasil (2018-2019).

Aspectos investigados	n	%
<b>Regime de trabalho</b>		
Estatutário federal efetivo	31	79
Temporários	6	15
Voluntários	1	3
Outro	1	3
<b>Atividade desenvolvida no trabalho</b>		
Muito satisfeito/satisfeito	8	21
Relativamente insatisfeito	2	5
Muito insatisfeito/insatisfeito	29	74
<b>Motivação para trabalhar</b>		
Muito baixa/baixa	4	10
Média	6	15
Muito alta/alta	29	74
<b>Qualidade de vida no trabalho</b>		
Satisfeito/plenamente satisfeito	14	37
Relativamente insatisfeito	16	42
Insatisfeito/muito insatisfeito	8	21
<b>Auto avaliação da saúde</b>		
Muito boa/boa	26	67
Regular/ruim/muito ruim	13	33
<b>Continuação da Tabela 4</b>		
<b>Morbidade referida</b>		
Problemas Mentais Comuns	6	50
Hipertensão Arterial Sistêmica	3	25
Outros*	3	25
<b>Depressão</b>		
Mínima	28	74
Leve	8	21
Moderada	1	3
Grave	1	3

\*Respostas variadas. Fonte: Elaboração dos autores.

#### 4. Discussão

Embora jovens, um terço dos docentes relataram autoavaliação de saúde negativa e morbidades referidas (MR). Dentre as MR mais prevalentes estavam Problemas Mentais Comuns (PMC) e Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS). Em investigação realizada por Oliveira et al (2017), dentre os distúrbios psíquicos que afetam a saúde dos docentes universitários, os mais prevalentes foram os PMC, que englobam transtornos relacionados ao estresse, transtornos de ansiedade, a depressão e outros. Ao mesmo passo, na subcategoria adoecimentos físicos e fisiológicos, os mais relatados foram os problemas cardiovasculares e a hipertensão, semelhante aos resultados obtidos nessa investigação.

Independentemente de nível de ensino ou de financiamento da instituição – pública ou privada, as influências negativas do trabalho na saúde dos docentes resultam de variados fatores que, quando em conjunto, atuam como geradores e potencializadores de adoecimento, como a desvalorização do trabalho, intenso envolvimento emocional com os problemas dos discentes, exigência de qualificação e de produtividade para avaliação de desempenho, extensiva jornada de trabalho e pouco ou nenhum tempo para descanso e lazer (Diehl & Marin, 2016). Outros estudos também sinalizam as repercussões negativas do trabalho na saúde dos docentes, principalmente frente à saúde mental e problemas mentais comuns (do Vale & Aguilera, 2016).

Em relação aos resultados obtidos a partir do Inventário de Depressão de Beck, 27% dos docentes apresentaram sinais e sintomas depressivos, sendo 21% depressão leve e 6% moderada/grave. A prevalência média da depressão na população brasileira, em geral, está em torno de 15%, e acomete principalmente pessoas no final de seus 30 anos (Brasil, 2021). Considerando o perfil de docência universitária, esses trabalhadores possuem um risco aumentado para a depressão em consequência de fatores estressantes no trabalho (Shen et al., 2014). Rodrigues et al., (2020) também encontraram um percentual semelhante de sintomas de depressão em uma instituição pública de ensino no município de Teresina, Piauí, também nordeste brasileiro. Esses valores são mais baixos do que o encontrado por dois outros estudos: 50% (Freitas et al., 2011) e 44% (Tostes et al., 2018). O primeiro, realizado com professores universitários do Rio Grande do Norte, identificou, também por meio do Inventário de Depressão de Beck, a presença de 50% de sintomas clínicos de depressão, sendo 42% sintomas leves e 8% moderados. Tostes et al (2018) encontraram valores muito próximos a esses no Paraná. Frente aos achados, entende-se que esses resultados podem ser compreendidos a partir do entendimento da docência se caracterizar como uma das profissões mais estressantes, pois compreende o desenvolvimento de atividades consideradas desgastantes que influenciam na saúde física, mental e até mesmo no desempenho profissional desses trabalhadores. Dentre as formas de adoecimento identificadas, identificam também o aparecimento de PMC, como estresse, desesperança, depressão, apatia e desânimo, dentre as formas de adoecimento mais prevalentes entre docentes (Diehl & Marin, 2016).

Foi possível observar também que 74% dos entrevistados afirmaram estar insatisfeitos/muito insatisfeitos com a atividade desenvolvida no trabalho. Esse resultado difere de outras pesquisas (Cardoso & Costa, 2016; Marqueze & Moreira, 2009; Costa, 2009) realizadas com docentes de IFES, em que a maioria manifestou estar satisfeita com a profissão. Dos fatores que levam à insatisfação no trabalho, evidências destacam o papel do excesso de trabalho somado a outras atividades administrativas, burocráticas e assistenciais, além disso, também o desinteresse dos discentes, relacionamento com colegas/gestores, falta de valorização, turmas grandes e infraestrutura deficiente (Cardoso & Costa, 2016). Bunton et al., (2012) encontraram resultados semelhantes e salientam a influência do relacionamento com colegas e gestores sobre a satisfação. Esse fato pode ser devido à organização do currículo da área da saúde das universidades que, em sua maioria, fragmenta o ciclo básico do profissional, ocasionando dissociação, bem como isolamento dos docentes e atividades (Batista & Batista, 2014).

É importante salientar algumas singularidades do campus investigado. O processo de ensino-aprendizagem utilizado é estruturado em ciclos/anos e tem o primeiro ciclo comum, com discentes dos oito cursos partilhando turmas mistas. Todos os

módulos, em todos os cursos, buscam utilizar como estratégia pedagógica as Metodologias Ativas de Ensino Aprendizagem (MAEA), com ênfase na Integração Ensino-Serviço-Comunidade (IESC) desde o início da formação (Portal UFS, 2021). A maioria dos docentes participantes da pesquisa são do departamento responsável pelo primeiro ciclo comum. Sugere-se que a inovação pedagógica vivenciada pelos docentes e os desafios de lidar com a adaptação dos estudantes dos primeiros períodos às MAEA, todos os anos, pode ser um fator de estresse e insatisfação com o trabalho. Mazzola et al. (2011) relatam que problemas comportamentais dos discentes e implementação de novas iniciativas educacionais atuam como uns dos principais fatores de desgaste do trabalho docente, influenciando, inclusive, no adoecimento da saúde mental – encontrado com prevalência importante no presente estudo. Matos et al. (2022) também sinalizam as MAEA como potenciais fatores de influência negativa na saúde dos discentes, a partir da observação de elevadas prevalências de sinais e sintomas depressivos – inventário Beck (35%; n=143), autoavaliação de saúde negativa (48,5%; n=198), e outros aspectos avaliados.

Ainda considerando o perfil de saúde, 46% (n=18) dos docentes apresentaram sinais de disфонia. É reconhecido que docentes de nível superior apresentam alta prevalência de queixas vocais (Batista & Matos, 2016). Os distúrbios da voz afetam o desempenho e a efetividade do trabalho docente e, conseqüentemente, podem levar a ausência no trabalho, afastamentos e até abandono da atividade (Souza et al., 2011). O monitoramento da prevalência das queixas vocais em professores de nível superior permite obter indicadores para definição de políticas de saúde voltadas para a prevenção e o controle desses agravos. Batista e Matos (2016) analisam que os docentes universitários apresentam elevado índice de sintomas, como falhas na voz, rouquidão, esforço para falar, pigarro e secura na garganta, fazendo-se necessárias intervenções que promovam a saúde vocal destes trabalhadores. Outros trabalhos que investigam a disфонia em professores indicam que problemas vocais apresentam aumento em suas prevalências quando analisados em recortes anuais (Freitas & Cruz 2008, Diehl & Marin, 2016).

A prevalência de disфонia em docentes do ensino superior foi cerca de 60% em estudo realizado na Universidade Federal de Pernambuco (Medeiros et al., 2020). Ferreira (2019) também discorre acerca da relação do trabalho com o adoecimento docente relacionados a distúrbios de voz, osteomusculares e, principalmente, a distúrbios psicológicos. Ressalta-se experiências de sofrimento psíquico e sintomas de mal-estar, marcados por ansiedade, depressão, nervosismo, esgotamento mental, medo, cansaço e alterações do sono (Ferreira, 2019, Neves & Silva, 2006). No contexto pandêmico, há indícios de agravamento dessas condições, tendo em vista a atual forma do trabalho docente, de modo remoto necessitando assim de mais esforços no sentido de minimizar danos na saúde mental dos professores (Souza et al., 2021, Organização das Nações Unidas, 2020).

Pontuamos que a diferença nos percentuais quando comparados a outros estudos pode ser justificada pelo uso de MAEA no Campus investigado, sendo que, com a sua implementação, a disфонia apareceu em menor prevalência. O emprego de MAEA exige dos estudantes habilidades, atitudes e competências de buscar, processar e entender o que aprendeu de modo personalizado colocando o discente no centro da aprendizagem, mobilizando novas formas de interação e diferentes processos cognitivos (Ferrarini et al., 2019). Nesse processo, estimula-se mais a fala discente, e o professor assume um papel de mediador o que pode auxiliar assim na diminuição da demanda vocal docente. Entretanto, “a inserção em cursos que utilizam metodologias ativas exige do corpo docente um processo de capacitação intenso, o que ocorre concomitante a sua entrada nas salas de aula e à construção dos materiais didáticos” (Hernandes et al., 2020, p. 842), o que pode contribuir com estresse e adoecimento mental.

Quanto à qualidade de vida no trabalho, 63% se mostraram relativamente satisfeitos ou insatisfeitos/muito insatisfeitos. A motivação é outro critério importante na docência, e como resultado, foi constatado que a motivação para trabalhar foi considerada alta/muito alta por 74% dos participantes, 15% consideraram média e 10% muito baixa/baixa. Esse critério é altamente influenciado por diversas variáveis, com destaque para a relação professor/aluno, formação continuada, prazer pela docência, envolvimento com o meio científico para pesquisas, remuneração, papel social de seu trabalho, ambiente

acadêmico adequado, estabilidade e autonomia em sua docência (Davoglio et al., 2017). Embora a insatisfação com as atividades desempenhadas e a qualidade de vida no trabalho tenha sido elevada, a alta motivação pode estar relacionada ao fato dos docentes serem em sua maioria adultos jovens, possivelmente no início da carreira docente.

Em geral, destaca-se que o adoecimento dos docentes, em especial os docentes de ensino superior, são afetados, em maior parte, por algumas variáveis importantes, como: pressão por produção intelectual e produtividade para progressão de desempenho, sobrecarga de trabalho, inclusive exercer atividades de gestão. Há também a influência de alguns aspectos que repercutem negativamente na saúde dos docentes universitários, como a perda de sentido no trabalho, quebra de expectativas, condições de trabalho limitadas, excesso de responsabilidades e, principalmente, a sensação de tensão e competição frente as condições laborais de produtividades (Lopes, 2006, Borsoi 2012, Diehl e Mari, 2016).

Uma limitação deste estudo foi a amostra de 18% do total de 210 docentes da instituição, pois, apesar dos esforços na coleta de dados, somente esse percentual aceitou participar da pesquisa, o que poderia influenciar nos resultados encontrados, como na geração de viés do paciente sadio ou efeito do trabalhador sadio. No entanto, esse trabalho contribui com a literatura existente como uma forma de ampliar as produções acerca das condições de saúde dos professores universitários, e conseqüentemente, promover melhorias no desenvolvimento da saúde coletiva nacional e nas políticas educacionais. Considerando-se importante compreender os motivos que levaram 74% dos entrevistados a declararem insatisfação com o trabalho, outras pesquisas podem avançar dando continuidade a essa investigação, entendendo o uso de MAEA como possível fator para a contradição existente entre estar motivado e insatisfeito ao mesmo tempo – visto que as MAEA parecem se apresentar como inovações pedagógicas potencialmente geradoras de estresse e desgaste no trabalho.

## 5. Considerações Finais

O trabalho docente é uma atividade de sentimentos ambivalentes, pois é tanto gerador de estresse quanto de satisfação profissional. No caso estudado, mesmo sendo elevada a motivação no trabalho, também foram expressivas a insatisfação com as atividades desempenhadas e a qualidade de vida no trabalho. Também se destacam as condições de saúde como autoavaliação de saúde negativa, prevalência de morbidades referidas e de disfonia em um grupo de trabalhadores relativamente jovens. Nessa perspectiva de adoecimento e aspectos ocupacionais, os profissionais e gestores dos setores da educação e saúde, assim como entidades sindicais e governamentais, deverão se atentar principalmente às questões socioemocionais, olhando com atenção para o acolhimento de docentes e outros profissionais dos cenários educacionais.

Entendemos que os achados indicam para a necessidade de novas investigações com uma amostragem maior e heterogênea entre os docentes, inclusive vinculados a outras instituições de ensino superior, para traçar um panorama do perfil ocupacional e de saúde desses trabalhadores, assim como a fim de ampliar compreensão acerca dos desafios e potencialidades da inovação pedagógica do campus investigado frente a satisfação no trabalho docente e a influência do trabalho nas condições saúde dos professores universitários, possibilitando uma potencialização da prática pedagógica assim como reduzir influências negativas do trabalho na saúde desses trabalhadores.

## Referências

- Batista, E. C. & Matos, L. A. L. de. (2016) O trabalho docente no ensino superior e a saúde vocal: um estudo de revisão bibliográfica. *Estação Científica (UNIFAP)*, 6(2), 67-77.
- Batista, N. A., & Batista, S. H. (2014) *Docência em saúde: temas e experiências*. (2a ed.), Senac.
- Borsoi, I. C. F. (2012). Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de ensino superior. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 15(1), 81-100.
- Brasil. Ministério da Saúde. *Saúde de A – Z: Depressão*. [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, 2021.

- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Saúde do trabalhador e da trabalhadora* [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Cadernos de Atenção Básica, n. 41 – Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
- Bunton, Sarah A. et al. (2012) Predictors of workplace satisfaction for US medical school faculty in an era of change and challenge. *Academic Medicine*, 87(5), 574-581.
- Cardoso, C. G. L. do V., & Costa, N. M. da S. C. (2016) Fatores de satisfação e insatisfação profissional de docentes de nutrição. *Ciênc. saúde coletiva*, 21(8), 2357-2364.
- Costa, N. M. da S. C. (2009) Career satisfaction among medical school professors: a case study in Brazil. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 33(3), 339-348.
- Cunha, J. A. (2001) *Manual da versão em português da Escala Beck*. Casa do Psicólogo.
- Davoglio, T. R. et al. (2017) Motivação para a permanência na profissão: a percepção dos docentes universitários. *Psicol. Esc. Educ.*, 21(2), 175-182, <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539201702121099>.
- Dejours, C. (2006) *A banalização da injustiça social*. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. (7a ed.), FGV.
- Diehl, L., & Marin, A. H. (2016). Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 7(2), 64-85.
- do Vale, P. C. S., & Aguilera, F. (2016). Estresse dos professores de ensino fundamental em escolas públicas: Uma revisão de literatura. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 5(1), 86-94.
- Ferrari, R. et al. (2019) etodologias ativas e tecnologias digitais. *Revista Educação Em Questão*, 57(52), 1-30.
- Ferreira, L. L. (2019) Lições de professores sobre suas alegrias e dores no trabalho. *Cadernos de Saúde Pública*, 35
- Forattini, C. D., & Lucena, C. A. (2015) Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho. *Laplage em Revista*, 1(2), 32-47.
- Freitas, C. R., & Cruz, R. M. (2008). Saúde e trabalho docente. *XXVIII Encontro Nacional de Engenharia de Produção*, Brasil, 1-15
- Freitas, R. P. de Abreu et al. (2011) Índice de depressão em professores de um campus em implantação da UFRN. *Revista Extensão & Sociedade*, 3(3), 30
- Gorenstein, C. & Andrade, L. H. S. G. (1998) Inventário de depressão de Beck: propriedades psicométricas da versão em português. *Rev Psiq Clin*. 25(5), 245-50.
- Hernandes, Ra. S. et al. (2020) Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe: trajetória, construções e desafios. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 4(6), 838-849.
- Linstone, H. A., & Turoff, M. (2002). *The Delphi method: Techniques and applications*. Addison Wesley Newark, NJ: New
- Lopes, M. C. R. (2006). “Universidade produtiva” e trabalho docente flexibilizado. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6(1), 35-48.
- Marqueze, E. C., & Moreno, C. R. de C. (2009) Satisfação no trabalho e capacidade para o trabalho entre docentes universitários. *Psicologia em estudo*, 14(1), 75-82
- Matos, L. E. O. et al. (2022). Mental health of higher education students in a scenario of active learning and teaching methodologies. *Research, Society and Development*, 11(7), e28811729944.
- Mazzola, J. J., Schonfeld, I. S., & Spector, P. E. (2011). What qualitative research has taught us about occupational stress. *Stress and Health*, 27(2), 93-110.
- Medeiros, Y. P. O. de et al. (2020) Uso da voz no ensino superior: o que dizem os professores. *Rev. CEFAC*, 22(4), e13519.
- Moreira, H. de R., et al. Qualidade de vida no trabalho e síndrome de burnout em professores de educação física do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 14(2), 115-122, 2009.
- Neves, M. Y. R., & Silva, E. S. (2006) A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. *Estud. pesqui. psicol.*, 6(1), 63-75
- Oliveira, A. da S. D., et al. (2017) Trabalho, produtividade e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(3), 609-619
- Organização das Nações Unidas (ONU). *Policy Brief: COVID-19 and the need for action on mental health*. 13 maio 2020.
- Penteado, R. Z., & Souza Neto, S. de. (2019) Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. *Saúde e Sociedade*, 28, 135-153
- Portal UFS. *Campus Universitário Professor Antônio Garcia Filho*. [recurso eletrônico], 2021.
- Rodrigues, L. T. M. et al. (2020) Estrés y depresión en docentes de una institución pública de enseñanza. *Enfermería Global*, 19(57), 209-242
- Shen, X. et al. (2014) The association between occupational stress and depressive symptoms and the mediating role of psychological capital among Chinese university teachers: a cross-sectional study. *BMC psychiatry*, 14(1), 329
- Souza, C. L., de et al. (2011) Fatores associados a patologias de pregas vocais em professores. *Revista de Saúde Pública*, 45, 914-921

Souza, K. R. de et al. (2021) Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 19

Tostes, M. V. et al. (2018) Sofrimento mental de professores do ensino público. *Saúde em Debate*, 42(116), 87-99

Universidade Federal de Sergipe (UFS). (2019). *UFS em números*: edição especial

Vasconcelos, I., & Lima, R. de L. de. (2020) “É um malabarismo com vários pratos ao mesmo tempo!”: o trabalho docente em universidades públicas. *Serviço Social & Sociedade*, (138), 242-262